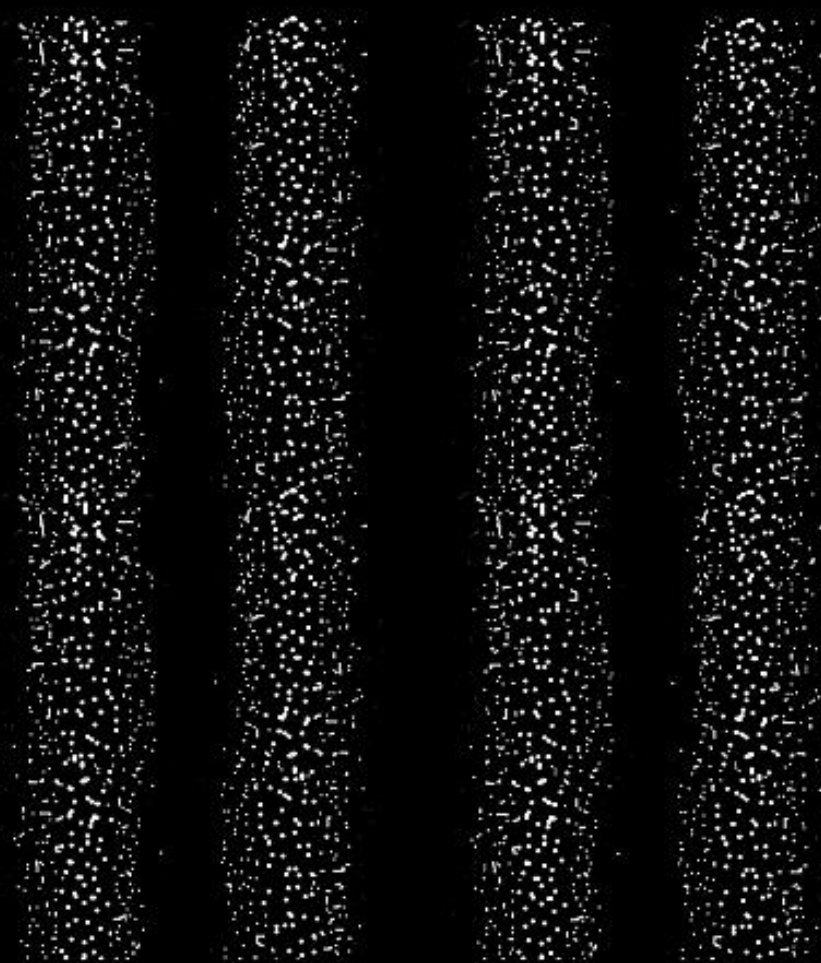


Magia e Prosperidade



Hélio Couto
Osho
Hipátia
Canalização

MAGIA E PROSPERIDADE

Canalização: Prof. Hélio Couto / Osho / Hipátia

Prof. Hélio: Boa tarde a todos.

Plateia: Boa tarde.

Prof. Hélio: Este é o livro (*demonstra a publicação*) do Primeiro Curso sobre Mecânica Quântica e Ressonância Harmônica: Curso de Aplicações Práticas da Mecânica Quântica e a Ressonância Harmônica – Hélio Couto/Osho. Já está à disposição de vocês, gratuitamente, para adquirir um exemplar. Existe um limite de estoque. Quando acabar em papel, está no site, em *e-book*, integral, para fazer *download*. Então, há a versão em papel, *e-book*, e o DVD. Portanto, não faltará mídia para que se possa entender o que é Mecânica Quântica.

Uns dezoito anos atrás, quando eu trabalhava com fitas cassete parciais – que há uma história no ouvido esquerdo e outra no direito, simultaneamente – expliquei, em um *workshop*, que “tal” fita produziria um aumento de “tais” neurotransmissores. Naquele dia, na plateia, havia uma pessoa que trabalha em um grande laboratório de análises clínicas, em São Paulo, e ele resolveu fazer um teste para ver se era real o que eu havia dito. E eu tinha explicado para colher uma amostra de sangue antes de ouvir a fita. Escutar a fita meia hora e colher o sangue novamente e comparar. O resultado constataria ter criado os neurotransmissores ao ouvir a fita.

Bem, ele chegou ao laboratório, escolheu uma cobaia que trabalhava lá, um colega, colheu o sangue, pôs na orelha da pessoa o *walkman*, tocou a fita e colheu, novamente, o sangue depois. Adivinhem o que aconteceu? Os neurotransmissores estavam criados, como eu havia falado. Estou relatando isso, para que ninguém tenha dúvida de que tudo o que falamos sobre Ciência é real. Um exame de neurotransmissores é caro, mas ainda é viável para uma pessoa física fazer.

Agora, no caso da Ressonância, para as pessoas que querem comprovação científica, no *site* já existe um texto no *blog*, explicando como é que se pode comprovar, em termos de Ciência ortodoxa, o funcionamento da Ressonância. Basta que se junte um grupo de cientistas – físicos, médicos, psicólogos, psicanalistas, biomédicos, parapsicólogos, médiuns – uma equipe multidisciplinar, com acesso a toda a parafernália de exames, de ressonância magnética funcional – aquela que dá as “corezinhas”, que mostra as cores no cérebro funcionando. Um grupo de cientistas assim, com toda essa aparelhagem nas mãos, poderia fazer todos os testes em mim e em n pessoas que se habilitassem; n . O que aconteceria? Comprovaria tudo aquilo que estamos falando há muitos e muitos anos. Se houver essa possibilidade, estou à disposição. Basta juntar uma equipe que tenha esses recursos, com honestidade científica, certo? Porque assim que ficar comprovado, eles devem publicar e divulgar tudo isso. Não há problema nenhum em se provar, o que as

peessoas que estão aqui já estão cansadas de saber que funciona, não é? Todos os clientes, em todos os lugares que atendo, já têm certeza de que funciona. Eles podem abandonar, justamente, porque funciona.

Quando as pessoas abandonam a Ressonância, é porque funcionou, e a pessoa não imaginava que funcionaria tão bem. Esperava que pudesse crescer, tipo, 3% e parar nisso, não é? “Desde que eu consiga um *BMW*”, pronto. Resolvido. “Eu só quero um *BMW*.” O outro só quer que o prefeito pague o precatório. O outro só quer que o gerente libere o seu cheque especial, outro só quer um barco, outro quer uma fazenda com cento e cinquenta mil cabeças de gado, e assim vai. Conseguindo isto, fim. Isto é, qual o entendimento que a pessoa teve sobre a Ressonância? Ressonância, na cabeça dessas pessoas, é pura magia. Pura magia. Em vez de ir a um feiticeiro, lá na estação de Santo André – um lugar meio complicado – fica muito mais confortável ir à Vila Bastos (*um dos locais onde o Hélio atende*), por exemplo, e ser atendido por um branco de terno; porque lá vai ver um de manto, ou um negro. Então, com todo o preconceito racial, social, que temos neste planeta, às vezes fica muito mais confortável, no espaço, onde tem chazinho, bolinho, bolachinha... E vão atrás do quê? Da magia. Conseguida o desejo de “casa, carro, apartamento”, ou seja lá o que for, fim. O problema é que, quando começa o trabalho, entenda ou não entenda o que é a Ressonância, haverá consequências.

É o mesmo problema das leis de trânsito – você pega o carro, não quer saber nada de estudar como funcionam as regras. Conhecer as placas. Você pega o carro e sai andando à vontade. Entra em uma rua, dá de frente com um caminhão, estraçalha o seu carro e o “cara” do caminhão vai falar assim: “Tá vendo aquela setinha ali no poste? Contramão.” “Ah, eu não sabia.” Bem; o que fazer? Problema seu, não é? Se você pôs o carro na rua e não sabia as regras de trânsito, estava sujeito a um evento desse. Na Ressonância, é a mesma coisa. Explica-se, explica-se, explica-se há sete anos – só aqui, sete anos de palestra - sem parar, explicando, explicando. Cinquenta e cinco DVDs no *You tube*, cerca de quatrocentos e cinquenta artigos no *blog*, três, quatro livros, explicando.

Então, ninguém pode falar que faz Ressonância sem saber o que é a Ressonância, é por conta e risco de quem faz. Evidentemente que, quando entra e senta na minha frente, eu só preciso saber o que você quer. Então, pego os dados, rapidamente, e está pronto. Não precisa de horas escutando. Não é Psicanálise, não é Psicologia, não é Psiquiatria. Todo o trabalho de entendimento deve ser feito antes. Antes que a pessoa sente na minha frente. Ela deveria ler os livros, ler o *blog*, assistir aos vídeos; entendeu? Está bem. Já acha que entendeu? Ótimo, então pode vir. Agora, nunca ouviu falar e senta? Logo abandona, porque não está entendendo nada do que está acontecendo.

E o que acontece? A onda entra - assim que tocou o CD - a onda entra e tem que começar o crescimento ininterrupto, para sempre. Sempre eu digo eternidade. Precisa crescer eternamente. Quem quer zona de conforto, se sente absolutamente desconfortável, com uma frequência que implica em crescimento em todas as áreas da vida humana. “Só queria ganhar dinheiro”,

não existe na Ressonância. “Só quero que o prefeito pague o precatório”, não existe na Ressonância. Precisa crescer em todas as áreas. Isso implica em muitas consequências. Se a pessoa não quer que mexa na área x, ela travará todo o processo, porque, assim que a onda “bater naquele nó”, a pessoa “puxará o freio” com toda a força, e paralisará tudo. Enquanto a pessoa não dá o “salto” – e isso pode acontecer aos seis meses, um ano, um ano e meio, a cada seis meses, ano após ano; ou pode levar anos e anos e anos e não dar “salto” nenhum, pois a pessoa “puxa o freio” e não deixa nada disso acontecer. Sabe que tem que mudar, precisa crescer, então ela já “puxa o freio”, preventivamente. Quantas vezes isso já foi explicado nesta sala? De novo, não é?

Uma cliente trabalhava numa grande empresa de turismo e começou a fazer a Ressonância. Tem dinheiro, poder, tinha cargo alto-executivo; estava tudo certo, não é? Mas faltavam algumas coisas e veio fazer a Ressonância. E aí começa uma transformação, lenta e gradual, mês após mês – um, dois, três, cinco, oito, dez, doze, treze, quatorze, quinze, dezoito meses. Com dezoito meses, o que ela disse? “Não trabalho mais em empresas que só visam lucro e não o bem do cliente. Em empresas que mandam o cliente para um roteiro horrível, na época errada, só porque aquilo dá lucro para a empresa. O único conceito é lucro. A única prioridade, ganhar dinheiro, custe o que custar e danem-se todos os outros”. Dezoito meses depois, o “salto” aconteceu; continua, mas aconteceu. Já neste patamar.

Lembram-se de que falei, em outra palestra, que um gerente de banco - se fizesse Ressonância – chegaria a um ponto em que ele falaria: “Não faço empréstimo para quem não pode pagar”. “Não faço *subprime*. Não faço CDO. Não faço CDS”. “Não ‘enfio goela abaixo’ nenhum seguro no cliente”, e assim por diante. Um gerente que desse o “salto”, ele jamais faria isto. Logo alguém pode dizer: “E, neste caso, ele perde o emprego.” Alguém que deu o “salto”, por acaso, está preocupado com emprego, com casa, carro, apartamento? Isso é que não é entendido.

Quando a pessoa tem medo das consequências, porque, por exemplo, poderá ficar sem emprego, ela raciocina dentro do paradigma atual, deste mundo aí de fora, a *Matrix*. Como ela pode entender o novo paradigma, raciocinando a partir do antigo, se ainda não deu o “salto”? Então, esse é todo o problema de abandonar a Ressonância: “Não quero ter crescimento, pois isso levará a ‘isso, isso, isso, isso e isso’.” Só que “isso, isso e isso”, para quem já deu o “salto”, está no Caminho de Buda, não significa mais problema. Um cocriador consciente não tem nenhuma preocupação com essas coisas.

Foi isso o que o Mestre disse: “Buscai primeiro o Reino dos Céus e tudo o mais vos será acrescentado.” Para muita gente essa frase parece grego, não é? “Que será que quer dizer isso?” É a coisa mais simples que existe. O que é o “Reino dos Céus”? É um lugar – vamos simplificar – um lugar onde todas as pessoas se ajudam. Só isso. Ponto. Não precisa elaborar nada mais. É um lugar onde todas as pessoas se ajudam. Então, você quer entrar no Reino de Deus? É a coisa mais simples do mundo, deve adotar uma atitude mental, emocional, filosófica etc., de ajudar a todo mundo. Pronto, só isso. Custe o que

custar. Bem, aí “pegou”, certo? Porque, enquanto ajudar não implicar em nenhum sacrifício, prejuízo e risco, está tudo certo, mas, na hora que sofrer no bolso, reage: “Epa!” Foi isso o que Ele falou para o discípulo: “Venda tudo o que tem e venha comigo.” “De jeito nenhum.” São dois paradigmas completamente diferentes; da água para o vinho.

Você fala para um materialista: “Solte tudo, que você não precisa de nada disso, e você será feliz, e vamos em frente.” “Não”. O moço ficou muito triste, porque tinha muitos bens. Claro, levará milhares e milhares e milhares e milhares de anos, para esse moço virar um Buda, pois, quanto é necessário forçar os dedinhos para os anéis saírem? Terá que cortar os dedinhos, cortar a mão? Depois de quantas encarnações ele chegará à conclusão de que não precisa de nada disso para ser feliz, e que ter tudo isso é um problema para ser feliz? Pelo simples fato de que um reptiliano nunca está feliz com a quantidade de bens que possui. Pelo simples fato de que existe, pelo menos, mais um reptiliano no mundo. Se nós tivéssemos um planeta com um crocodilo, ele seria totalmente feliz. Teria o planeta inteiro como seu território. Mas, a partir do momento em que ele abre os olhos e vê outro crocodilo ao seu lado, pronto, é um problema. Problema, porque precisa dividir, disputar, um gnu, boi, com o outro crocodilo.

Então, começa o problema do território – é preciso aumentar as posses, o seu território, o máximo possível. Esse máximo, possível, seria o planeta inteiro. Como isso não dá, porque existe o outro crocodilo, qual é a solução? Guerra. Só existe uma solução – guerra, pois é preciso tomar o território do outro ou agir preventivamente, não é verdade? Fazer um ataque preventivo, porque “Pode ser que o outro me ataque...” E é bem provável, porque um crocodilo conhece outro crocodilo. Psicologia de crocodilo é simples, é elementar. Assim, todo crocodilo conhece, de longe, o outro. Ele fala: “Se eu não atacá-lo, com certeza ele já está planejando um ataque”.

Isso me lembra dos espanhóis quando chegaram à América. Os povos nativos foram todos dizimados pelos espanhóis, que foram tomando o continente inteiro. E o povo fala assim: “Nossa! mas foi uma ‘santa’ ingenuidade de todos os habitantes da América Central e dos incas, lá no Peru etc., não terem percebido como eram os ocidentais europeus.” Porque aquelas pessoas da América Central, os incas e etc., se conheciam; e, sabendo como eles próprios eram, deveriam esperar justamente uma carnificina como aconteceu. Quem fazia sacrifícios humanos, *n*, arrancando o coraçãozinho das vítimas, iria esperar o quê de um invasor? Então, é realmente impressionante a hipnose que esses povos tiveram em não enxergar a realidade “nua e crua” que estava à frente deles.

Todo ser humano, todo ser, tem uma capacidade que se chama “livre-arbítrio”, isto é, pode fazer o que quiser e arca com as consequências. Simples: pode fazer o que quiser, mas a consequência é inevitável – Lei de Causa e Efeito, ou *karma*. Falaram que o *karma* tinha acabado. A Lei de Causa e Efeito tinha sido abolida, que não havia mais consequência para nada. Tive uma cliente que entrou em depressão assim que ficou sabendo disso: que não havia mais causa e efeito, não havia mais consequência, não havia mais nada. Ela

entrou em crise existencial, porque como fica o Universo sem a Lei de Causa e Efeito? Uma coisa leva a outra: ação e reação – se anular isso... Será que vão querer anular a Lei da Gravidade, também? Pode ser, não é? Vão anular todas as leis da Física? Pois é, mas isso foi bastante divulgado.

Esse conceito de que não existe consequência nenhuma é muito interessante para quem faz magia negra, concordam? Porque, toda pessoa que tem livre-arbítrio pode fazer o que quiser; só que é preciso que isso seja consciente. Quer fazer magia negra, isto é, prejudicar alguma pessoa, transferindo energia – depois vou explicar cada caso – transferindo uma energia/informação para alguém – existem n maneiras de fazer isso – pode fazer; mas, faça isso conscientemente. Senão, fica na situação um tanto quanto desagradável – lembram-se da primeira aula, duas semanas atrás? – fica numa situação um tanto quanto desagradável, dos nossos amigos que acordaram “lá embaixo”, no meio de uns seres com aparência monstruosa. E, quando partiram daqui, achavam que iam lá para o famoso “descanso eterno”, com todas as medalhas; e acordaram “lá embaixo”. Então, quer fazer magia negra, pode fazer, mas estude bem o assunto, para saber com quem está lidando. Porque, fazer magia negra com “visão romântica da vida”, achando que “Eu posso fazer e desfazer, e não acontece nada. Não existe nada depois da morte. Não há nada de nada”. É muito perigoso.

Essa noção de que se pode conjurar um espírito, um ser, para trabalhar para alguém e provocar falências, mortes, etc., etc., pagando alguma coisinha em troca dos “serviços prestados”, é um negócio muito perigoso. É muito inocente quem acredita que é possível contratar uma coisa dessas sem consequências. Imagine um grande gangster, de mil novecentos e vinte e poucos, lá na América. E uma pessoa vai fazer negócio com ele, um dos poderosos-chefões. Acha que vai colocá-lo trabalhando a troco de umas quimeras? Quando se trata, se faz negócio, com bandido, é muito complicado, porque ele é o arquétipo do reptiliano, é o crocodilo que virou gente. Evoluiu, evoluiu, evoluiu, e agora tem formato humano. Agora está bem disfarçado, certo? Agora ele tem uma pupila de humano, redondinha; mas a pupila do crocodilo está bem atrás dessa que ele está apresentando agora. Então, quem só enxerga a aparência material, daqui, desta dimensão – cabeça, tronco e membros, dedinhos etc. – acha que está tratando com um ser humano normal; mal sabe que o ser, no lado perispiritual, é um crocodilo, andando em pé, andando em pé, embora tenha rabo e tudo. Quem enxerga? Quem tem olhos, veja. Então, nos escritórios, pelo planeta todo, você tem muitos colegas que, do lado de cá, parecem “cabeça, tronco e membros” e, do “outro lado”, são crocodilos.

Hoje não vai haver espaço para perguntas – sinto muito – porque, senão, não terminaremos, nunca, de passar o currículo que temos que passar. Eu tenho um currículo. Tenho que dar as matérias, “essa, essa e essa e essa” – é uma lista “desse tamanho” (demonstra um tamanho grande). E isso é urgente que se faça. Então, cada palestra é planejada para passar x coisas. Depois há outra, outra, outra, outra, outra, grava-se, imprime-se, faz-se livro, distribui-se tudo isso. Quando terminar isso, vou embora. Há todo um trabalho para ser feito. Então, se eu tiver que me estender fora das matérias, não vamos

terminar nunca. Podem mandar as perguntas por *e-mail*, que respondo, dentro das possibilidades. Mas, se sairmos do assunto, como na última palestra, em que se saiu uma vez, duas, três, quatro, o cronograma se desorganiza. O que eu iria passar na última palestra, ou na primeira aula, ficou lá para trás. Então, agora, na segunda aula, tenho que fazer o que devia ter feito na primeira, e assim por diante, entenderam? É muito complicado quando se tem um currículo para ser seguido, e isso tem que ser passado, porque, senão, ficamos “sapateando” no mesmo lugar.

Portanto, quem acha que conjurar um espírito e colocá-lo a serviço próprio, para conseguir coisas ou prejudicar pessoas, não tem risco nenhum, deve tomar muito cuidado, porque a pessoa não está tratando com um espírito inferior a ela; não está vendo, então não sabe com quem que está lidando, certo? Pode estar lidando com alguém extremamente inteligente, em termos de Psicologia humana, e essa pessoa está “dando corda”, esse espírito está “dando corda”, só para ver até onde o contratante vai; e vocês sabem, não é? Feito o negócio, o contratante passa a dever. Porque, não imaginem que seja possível receber “tal” serviço ou benefício, em troca dessas quinquilharias, como normalmente se pensa. Existem casos em que a pessoa faz isso, não é? Faz isso uma vez, duas, três, quatro, cinco, dez vezes, que a tentação é terrível. Já imaginou? Você tem o potinho do Aladin, e pede: “Gênio, mais um pedido, mais um, mais um, mais um, mais um”, e não acaba nunca. É só fazer “assim” (*estalar os dedos*) e o gênio faz tudo o que você quer. Havia uma pessoa fazendo isso. Um parente, que conhecia a história - o comportamento dessa pessoa - chegou para ela e disse assim: “Olhe, você não deve fazer isso, porque não é desta maneira que a coisa funciona. Você pedir um negócio, depois dar uma quinquilharia; pedir outro negócio, dar outra quinquilharia, você ficará devendo para sempre.” Muito bem, o que aconteceu? A pessoa deixou “entrar por aqui” e “sair por aqui” (*entrar por um ouvido e sair pelo outro*). Passam-se os anos e, o que acontece? A pessoa tem um negócio onde nada mais “anda”. Por mais que trabalhe, dia e noite, nada “anda”. Ela não tem dinheiro, não tem clientes, e pode... E quanto menos clientes tem, mais trabalha, certo? Pela lógica cartesiana, se não tem clientes, você trabalha mais. Faz a mesma coisa que vem fazendo e não está ocorrendo resultado nenhum. O que a pessoa faz? Redobra os esforços que não estão dando em nada. Não é isso o que a sociedade humana faz? Não está havendo resultado nenhum; o que você faz? Faz mais daquilo.

Em Neurolinguística, explicam o quê? Os mesmos pensamentos geram os mesmos resultados, quer dizer, enquanto não trocar os pensamentos, não troca os resultados.

Muito bem. Então, essa pessoa está mais ou menos nessa situação, no momento, em que nada “anda”. O que ele teria que fazer? Bem, ele tem uma dívida enorme, não é? Teria que trabalhar, trabalhar, trabalhar, isto é, fazer o bem, fazer o bem, fazer o bem, fazer o bem, fazer o bem, para poder pagar o “vaso chinês” que ele quebrou. Dá para resolver isso, sem problema nenhum, mas precisa trabalhar para o bem, sem ganhar nada, e mais, mais, mais, mais, trabalhar, para poder compensar tudo àquilo que ele mandou fazer.

Há outro tipo de magia, em que a pessoa chega para o outro e diz assim: “Pegue isso aqui...” – um vasinho, com qualquer coisa – “leve lá para sua casa e coloca na janela, na geladeira, na cozinha, no quarto, embaixo do travesseiro, no colchão, embaixo da cama” ou “Fiz uma comidinha muito gostosa, leve para você jantar”, e a pessoa leva. Essa é uma magia extremamente eficiente, por quê? Porque a vítima nem percebe que é uma magia, leva as coisas, com toda a alegria, e enche a casa com aquelas coisinhas e então nada mais “anda” – é doença, é acidente, é falência etc. E continua com as coisinhas, lá, que ganhou de “Fulano de tal”.

Este é o problema de não ter conhecimento. Lembram que “conhecimento é poder”? Pois é. Não é à toa que existe esse ditado. E não conhecimento é não poder. Aviso: isso aqui não é um curso de magia negra.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Portanto, não darei detalhes – darei só conceitos – não darei nenhum detalhe de como funciona esse processo. Então, nem percam tempo de chegar em casa e verificar: “Vamos testar o que o Hélio falou na palestra”. Com relação ao DVD de “Relacionamentos”, isso já aconteceu n vezes, n , não é mesmo? Eu falei: “Não conte a história do metrô para ninguém, sem saber o que está fazendo”. Mas foi o contrário: “Ai, vamos testar o que o Hélio disse”. Pronto, a pessoa chegou lá e contou a historinha. Outra, então, conta a história da borboleta; daí, arma aquela desgraça, não é? Prejudica um monte de gente – isso também é magia, está certo? – prejudica várias pessoas, só para testar. É complicado, isso. Quando se mexe com energia, não dá para testar; ou você faz direito, ou é melhor não fazer, porque o resultado é ruim.

O feiticeiro é um físico sem formação universitária, mas é um físico, empírico. Ao longo dos milênios, o conhecimento passa de pai para filho, de mãe para filha etc., e ele sabe é um aprendizado que não está escrito em lugar nenhum – porque ninguém é louco, certo? Nenhum feiticeiro, que se preze, documenta nada disto. É tudo verbal – porque, se escrever, ele corre o risco do conhecimento “cair nas mãos” do seu inimigo, isto é, outro crocodilo. É a mesma história do “pulo do gato”, certo? O gato ensinou todos, menos um. Conhecimento desse tipo jamais pode ser passado assim, a varejo, sem saber para quem se está passando. Porque, se a pessoa não tem a consciência já muito bem trabalhada de que “pensou, criou e haverá consequência”. “Pensou, criou, *karma*”. “Pensou, criou, *karma*” e volta na hora... Se acha que é só: “Não, vale a pena pagar depois”... Muita gente pensa assim: “Vale a pena pagar depois, porque agora eu vou ter um *BMW*”.

Aqui em Santo André (*município de São Paulo*) havia uma pessoa, um homem, que fazia qualquer negócio. Era possível ir lá, encomendar um “serviço” – não era feiticeiro, não; era executante. A aura dele, inteirinha, era só de larvas caminhando. Só vermes, pela aura inteirinha. Ele fazia qualquer negócio. Fazer o quê? Se desse lado ele já estava com uma aura dessas, imagine na hora que “passasse”. Mas, por algum dinheiro, ele fazia qualquer coisa que se encomendasse. E tem muita gente assim, que executa qualquer pedido.

Qualquer objeto físico emite uma radiação, é radiante, isto é, emite uma onda. O que o feiticeiro faz? Ele pega – por exemplo – pega um sapo – famoso, não é? Antigamente, era um gato, muitos séculos atrás, mas gato dá muito trabalho, é um bicho meio independente; então, sapo é mais fácil. Sapo, não é o melhor para fazer isso, o melhor instrumento para fazer essas coisinhas seria um morcego. O morcego é perfeito para isso, mas é difícil de trabalhar com morcegos, também, certo? Então, o sapo é bem, assim, indefeso, para se fazer a intervenção. Sabe-se que esses feiticeiros costuram a boca do sapo, pegam qualquer coisinha da pessoa – um cabelo, uma roupa, qualquer coisa, qualquer coisa que a pessoa tenha tocado - porque qualquer coisa que a pessoa tocar, fica com a sua informação; a informação da pessoa é o que se chama “endereço vibratório”, tem a frequência da pessoa - qualquer coisa serve, um fiozinho de cabelo. Bem, preparam o sapo – a fórmula total já disse que não darei. Então, não adianta, não adianta costurar a boca do sapo. Não vão judiar do bichinho – mas, uma vez preparado o sapo, é mandado, lá, para perto da vítima.

Imaginem o sofrimento do sapo. Vai sofrendo, sofrendo, sofrendo, e todo sofrimento do sapo é transferido para o endereço vibratório, isto é, aquela pessoa que se quer prejudicar. O tempo todo, o sapo está sofrendo e a informação está sendo transferida para o indivíduo. Se essa pessoa não tem um padrão vibratório elevado, está com a aura esburacada, o que acontece? Haverá ressonância entre o sofrimento, a onda do sapo, e a onda da pessoa; e, quando houver ressonância, e entrar em fase, a informação da dor do sapo entrará na aura da pessoa, que começará a absorver aquilo. E é claro que o que entrou na aura será distribuído, pela via dos *chakras*, para todos os órgãos, glândulas etc., para todo o organismo. E aí começa a dar um probleminha aqui, um probleminha ali. A pessoa vai ao seu médico, faz todos os exames possíveis e imagináveis e não tem nada. Não dá nada, não tem nada, está tudo certo. Mas ela está doente. Faz mais exames, e continua doente. Faz mais exames, e continua doente. Aí, se ela realmente não tem defesa nenhuma, quer dizer, isto é – já vamos chegar lá, daqui a pouco – dá óbito; aí, dá óbito, certo? É “assim” (*gesto indicando grande quantidade*) de dar óbitos por causas desconhecidas. Claro, lá, vai escrito “falência do fígado”, “falência dos rins”, “infarto”, “AVC” etc., põem qualquer coisa; isso é o efeito, não é a causa. Agora, por que aconteceu isso, ninguém sabe. Ninguém sabe. O sapo é extremamente eficiente nessas coisas, porque está vivo. Tudo aquilo que ele sofre, passará para alguém cujo endereço foi dado a ele.

Outra forma é pegar metais, minerais, e transferir, também, para uma determinada pessoa. Chumbo, alumínio, níquel, qualquer coisa. Todo ser humano tem uma cota, isto é, tem um parâmetro, bem delimitado, de microgramas, desses metais. Existe uma lista, e todo ser humano normal, saudável etc., deve ter: “tanto disso”, “tanto disso”, “tanto disso”, “tanto disso”, “tanto disso”, para estar tudo funcionando. Se aumentar um desses minerais no corpo da pessoa, dará *n* disfunções. Quando se vai aumentando, aumentando, aumentando, aumentando, a pessoa fica doente daquele órgão, vai, vai, vai, vai, até que se acaba. Isso pode ser feito com uma barra de ferro, qualquer. Qualquer coisa, qualquer metal.

De um lado há o conjuro, do outro lado a evocação. Evocação ocorre quando você pede ajuda a alguém superior. Então, isto não é magia negra, é um pedido de ajuda. É diferente de conjurar um espírito para trabalhar para você, para um fim maligno. A evocação cai no mesmo problema, ou na mesma situação, da Ressonância, porque vem um espírito guia, um mentor, seja lá quem for, e ele fará um monte de exortações, quer dizer, falará que você deve: trabalhar, estudar, perdoar, soltar tudo isso, progredir, evoluir, parar com os sentimentos negativos, trocar pelos positivos. É isso que uma evocação consegue fazer: vem alguém e orienta você, *n* vezes, para que você resolva progredir.

Que defesa existe contra magia negra? Este é o planeta da magia negra, antes que eu me esqueça, certo? Há feiticeiros por todos os lados, no planeta inteiro. Andando na rua, você pode olhar os postes, e ver lá: “Amarração”, “Amarração”, “Amarração. 110% de garantia”. A moça pediu uma “amarração”, o sujeito está “amarrado” até hoje. Agora, ela quer se livrar dele, e ele não vai embora. Ele diz: “Irei ver você hoje. Compre *whisky* do bom”, com o seu dinheiro. Isto já está ocorrendo há anos, anos, anos e anos e anos desse jeito. Ela quer se libertar dele, mas como? Ela não pediu para “amarrá-lo”? Ela não queria que fosse “este aqui”? “Tem que ser ‘este’”. O Criador não serve para escolher, não é? Não. Tem que ser quem a pessoa quer, e, se não consegue, tem que ser “na marra”. Então, “amarra”, “amarra”. E, depois, como “desamarra”? Vai lá falar com o feiticeiro que quer que “desamarre”? Para quê ele vai fazer isso? E quanto ele vai cobrar? Porque essas coisas não custam barato, não é? Porque o feiticeiro sabe o quanto ele terá que pagar para fazer essas coisinhas. Então... A pessoa volta lá e diz: “É, precisava ‘desamarrar’.” Ele fala: “Ah, não vai dar. Vou pensar. Quem sabe... Volte o mês que vem. Verei o que posso fazer.” O que se pode fazer contra o feiticeiro?

Perceberam o tamanho do problema? Se encomendar um serviço, você acredita que aquele feiticeiro é capaz de mover as coisas, as forças, os espíritos, seja lá o que for, para conseguir o que você quer. Quer dizer, você está “nas mãos” dele. Aí, deu essa virada, você volta, e o que faz contra ele? Que faz contra ele? Que poder você tem contra o feiticeiro? Zero. Não é verdade? Zero. Zero. Você precisa chegar lá, de joelhos, e dizer assim: “Senhor feiticeiro, Vossa Eminência, na sua benevolência, pode ajudar este servo ignorante que pediu uma ‘amarraçãozinha’?” Rasteje bastante. O feiticeiro faz assim: “Saia, saia, saia”, ou então chama alguém e manda: “Leve, amarre o pescoço dele e leve embora”, mais um. No entanto, na porta desses locais se faz fila, fila. É carro entrando, carro saindo, nessas casas que fazem essas coisas.

Para ficar minimamente protegida, a pessoa teria que entrar num processo chamado “Cristificação”, isto é, trabalhar para se tornar igual a Cristo. A única defesa que existe é essa: pegar o que está escrito no Evangelho e aplicar aquilo à risca, dia e noite, sete dias por semana, trezentos e sessenta e cinco por ano, todos os anos da vida. E, quando passar para o “outro lado”, continuar fazendo a mesma coisa, até voltar para cá. Voltando para cá, deve continuar fazendo a mesma coisa, até passar para o “outro lado” de novo e,

assim, sucessivamente. Portanto, é melhor não mandar fazer nenhuma magia negra, porque, senão, você terá que levar muito a sério, essa questão da transformação pessoal, da evolução. Porque, quem não faz magia negra, ainda pode subir “em cima do muro” e ficar lá, vagando por aí, *secula seculorum*, porque não há ninguém mandando magia em cima dele, certo? Porque, quem fez, recebe magia de volta. É inevitável. Você mandou fazer contra alguém, um dia, nessa encarnação ou daqui a dez, alguém fará magia negra em cima de você. É magnetismo, é eletromagnetismo. É inevitável que aconteça isso. É a Lei da Atração Magnética – fez, volta, centuplicado. E não é castigo, certo? É, simplesmente, uma lei de Física.

Então, a pessoa vem à Ressonância e fala assim: “Quero que ‘desamarre’ esse indivíduo da minha vida.” Sem problema. Não há problema para “desamarrá-lo”. Elevando a vibração, “quebra” a “amarração”, não há mais vínculo, não há sintonia, não se entra em fase. Mas, aí, entra a onda, limpando tudo, e fazendo crescer, sem parar. E a pessoa “puxa o freio”. Por quê? Porque... Muita gente pode pensar o seguinte: “desamarra” esse – então, faz “assim” (*desenrola*) – e “amarra” este aqui...

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: Se a pessoa não evoluiu, ela quer: “Desamarre este aqui e ‘amarre’...”, quer dizer, continua tudo igual. Dará outro problema. Voltará. “Desamarre este aqui, ‘amarre’ outro, agora.”

Por isso é difícil ocorrer à evolução rápida num planeta igual a este, pois é preciso buscar o “atalho”, não é? Trabalhar, estudar, ter pensamento positivo, visualização. Um pensamento cria. Fim. Um sentimento cria, está resolvido, pronto. Não; preferem o “atalho”. Uma vela, por exemplo. No caso de uma empresa que faturava milhões – milhões, mas muitos milhões; uma pessoa acendeu uma vela – não precisou nem ir ao feiticeiro, ela mesma fez – acendeu uma vela, seguiu o protocolo, acabou. A empresa deve milhões de reais, muitos milhões, não tem mais cliente nenhum, foi todo mundo embora. Só tem problemas. Com uma vela, isto foi feito. Essa pessoa tem conhecimento; então gastou uma vela.

Para quem não tem conhecimento, existem lugares, por aí, em que se paga um *BMW* para que alguém seja transferido para outra dimensão, um *BMW*. Porque, na verdade, esse é o “crime perfeito”, não é? Não tem rastro. Vai procurar o quê? Nesta dimensão, vai se achar o quê? O que a Ciência achará, nesta dimensão, de uma transferência do sapo? Nada, nada. Se acharem o sapo, serão incrédulos: “Nossa! Fizeram mal para o sapinho”; ele está todo costurado, já morreu, joga-se fora, pronto. Você acha que alguém, cientista, procurará quem é o dono desse sapo? Quem fez e etc.? Vai seguir o rastro desse feitiço, até descobrir o feiticeiro que fez e quem o contratou para fazer isso? Darão risada. Sabe o que falarão, não é? Que isso é coisa da Idade Média. Agora temos um mundo moderno e na era da Ciência não existe nada disso. É superstição; isso não existe. *GPS* existe, celular, televisão, rádio, satélite, míssil, bomba atômica; tudo isso existe. Mas o sapo transferir uma informação, isso não existe. Que o sapo tenha um campo eletromagnético,

pode até ser; mas vão dizer: “É muito débil, é muito fraquinho, o campo eletromagnético do sapo. Não é possível chegar ao indivíduo, porque não há uma estação repetidora de sinal.”

Não é isso o que falam da Ressonância? É isso. Falam: “Cadê a estação transmissora, retransmissora do sinal, para o sujeito que está lá no Japão?” A mãe toca o CD aqui e o filhinho está no Japão, está na Suíça, na Califórnia, está... E eles questionam: “Cadê a estação repetidora do sinal?” Da mesma maneira que não acreditam na Ressonância, não acreditam que o sapo está transferindo essa informação. Mas, quem faz Ressonância, sabe que a informação é transferida. Então, se é possível transferir informação via Ressonância, o sapo também serve de instrumento para transferir a informação. Só que, quando vocês recebem o CD, ali, só existem coisas positivas, e quando vocês recebem o sapo, ali só existem coisas negativas. A magia, a física que está por trás, é a mesma. “Cai essa ficha”?

A física que rege a magia negra é a mesma física que rege a magia branca; é igualzinho – é uma transferência de informação, uma onda, uma onda, a onda do sapo. Só que precisa ter o endereço vibratório para que a onda do sapo chegue a alguém.

Falar – calúnia, difamação, fofoca – isto também é magia negra. É uma onda que a pessoa está emitindo, que está endereçada a “fulano”. A calúnia não é sobre o “fulano x”, o nome dele? O nome dele, o que é? É o endereço vibratório. “Caiu a ficha”? Aí, alguém fala, fala, fala, fala, maldiz, maldiz, maldiz, roga praga. Precisa de feiticeiro para fazer isso? Não precisa. Tranquilamente, qualquer um é capaz de fazer isso; e vai mandando. Tecnicamente, é magia negra. Toda transferência de informação que é prejudicial a alguém, que vai com raiva, com ódio etc., com qualquer sentimento negativo, é magia negra.

Por que as pessoas não estão imunes à magia negra? Por causa disso. Quem não fez isso? Lembra-se? Voltem lá atrás. “Vocês querem apedrejar essa mulher; entre os que estão aqui, quem não tiver pecado pode atirar pedra nela.” Ele ficou rabiscando o chão para passar o tempo, não é?...

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: ...Enquanto eles pensavam, porque tinha que esperar as pessoas decidirem o que..., memorarem, pensarem. “E agora?” Então, Ele ficou lá, pegou uma varinha e ficou riscando o chão. Quando Ele levantou a cabeça, não tinha ninguém. Não tinha ninguém; por quê? Porque eram iguais.

Com relação ao pensamento, é a mesma coisa. Não é necessário falar, basta pensar. Você está no trânsito, um “cara” lhe “fecha”. “Tomara que esse ‘cara’ bata o carro.” Lá na frente ele vai bater o carro – você não está vendo mais, ele bate lá na frente; mata três. Debita-se de quem? Debita-se de quem falou. Você não falou para ele bater o carro? Bateu. Todas as mortes são debitadas de quem fez o desejo. Você não está nem sabendo que tem uma conta debitada “desse tamanho” (*enorme*). Aí, nada mais “anda”. Passa pouco

tempo, perde emprego, fica doente, uma doença atrás da outra. Dá tudo errado, há falência etc., etc. Por que será?

Também há magia com bonequinho de cera. Se algum de vocês se der ao trabalho de ler o livro de Ervin László - "A Ciência e o Campo Akáshico, verá que ele relata uma experiência de Física em que uma pessoa, numa sala, mexeu com coisas em cima da mesa, isto é, fez um "emaranhamento quântico", certo? – tendo contato, emaranhou-se a onda do objeto com a onda da pessoa. Então, lembram-se? Os *spins* de duas partículas são disparados em sentido contrário, mexendo num dos *spins*, o outro responde imediatamente, mais veloz que a velocidade da luz. Pois é, vocês sabem que os físicos não "engolem" isso. Estão lutando, bravamente, contra as "esquisitices" da Mecânica Quântica. No dia que aceitarem as "esquisitices" da Mecânica Quântica, toda a magia será elucidada, cientificamente. Então, haverá mais um capítulo na Física – "Magia". Toda essa manipulação de informação astral, não será problema nenhum para o físico entender. Porém, ele precisa dar um "passozinho" acima, para poder acreditar que existe o astral, a próxima dimensão. Enquanto ele não entender isso, acha que é uma "esquisitice" que o *spin* se comunique mais veloz que a luz.

Muito bem, o sujeito tocou as coisinhas e foi para outra sala. Veio alguém, fez um bonequinho com aquelas coisinhas que o sujeito tinha tocado. Tudo filmado, documentado, gravado etc. O sujeito estava todo monitorado na outra sala. Então, o outro que estava na primeira sala fez cócegas no ombro do bonequinho – era uma experiência, não era para fazer magia negra em cima da cobaia. O que mostrou toda a aparelhagem que estava medindo o outro? Que ele reagiu. Mexeu aqui (*num ombro do boneco*), ele reagiu lá. Mexeu aqui (*no outro ombro do boneco*), ele reagiu lá. Isso foi um experimento de Física. Está em um livro de Física. Se se espetasse uma agulhinha no boneco, a sensação seria transferida para o órgão correspondente do sujeito que estava lá na outra sala. Então, vejam bem, num experimento em que só havia físicos envolvidos – eles não têm conhecimento de feitiços, não são magos negros – conseguiram transferir uma informação do ombro do bonequinho para o ombro da pessoa associada ao bonequinho. Vejam, são, digamos "amadores" em magia, são físicos, e conseguiram fazer isso em laboratório, com um experimento controlado.

Pensem bem! Imagine quem tem conhecimento, com um bonequinho na mão, que já está neuroassociado a um "fulano x", o que consegue fazer? Lembram-se? Existe um protocolo para poder fazer o procedimento corretamente, com a agulhinha, "pá-pá-pá", para obter o resultado que se quer. Não vai dar cócega no outro, certo? Os físicos conseguiram porque era um experimento inocente. Se pensassem: "Não, vamos enfiar a agulha lá no...", não iria funcionar. Porque, os físicos que estavam fazendo essa experiência não conheciam magia negra. Mas, vejam como é impressionante isso, que funcionou dentro de um laboratório de Física. Isso significa que qualquer um de vocês é capaz, pelo menos, de fazer umas coceguinhas no ombro do outro, de qualquer outro, de qualquer pessoa. Isso, vocês conseguem fazer. Se eles conseguiram num laboratório, vocês também conseguem. E eles não acreditam em magia negra. Estamos falando só, da transferência da informação. Porém,

se você fizer isso enquanto o sujeito está dirigindo um carro, e melhorar a transferência, pode fazer com que ele tenha um acidente; mesmo um leigo, tentando, tentando, tentando, tentando, tentando... Não tem a eficiência do feiticeiro, mas...

Uma hipótese – só uma hipótese - pouco mais de uma semana atrás, um trem de alta velocidade está trafegando lá na Espanha, numa reta, a 190 km/hora; na reta, dá para chegar a essa velocidade. Então, está lá, a 190 km/hora. O maquinista já fez essa viagem sessenta vezes a sessenta vezes, ele foi e voltou. Ele tem trinta anos de experiência, cinquenta e dois anos de idade, e já fez esse trajeto sessenta vezes; essa é a sexagésima primeira. Lá na frente há uma curva. Vocês sabem o que acontece quando dirigimos um carro para ir ao trabalho, fazendo o mesmo roteiro todo dia. Saindo de casa, depois de algumas vezes, você decorou o caminho; pode até ir no “piloto automático”, pensando nas dívidas, e o carro consegue chegar lá, não é? Você sabe – freia, acelera, esquerda, direita, sobe – não é preciso prestar muita atenção. É até um risco, mas, às vezes, você sai para um compromisso diferente, queria ir para lá e vai para cá, porque o seu subconsciente está tão condicionado, que você vai para cá, em vez de ir para lá, pois todo dia você vira para cá quando vai trabalhar. Então, temos, lá, um trem, a 190 km/hora, e uma curva chegando. Quando o maquinista viu a curva, em que teria que entrar a 80 km/hora – entrar a 80 km/hora e estava a 190 km/hora - quando viu a curva, não havia mais o que fazer. Vocês viram o filme pela televisão, no *You tube*, o trem voou dos trilhos – setenta e oito, setenta e nove, ou oitenta mortos, não sei em quanto está a contagem hoje, mas naquele dia foram setenta e oito. Bem, o maquinista não morreu, foi para o hospital, já saiu, já foi falar com o juiz, que perguntou o que aconteceu? Ele disse que se distraiu. Distraiu. O juiz falou: “Mas, o senhor se distraiu com o trem a 190 km/hora?” Ele respondeu: “É que, nessa velocidade, as coisas andam muito rápido”.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Até onde eu sei, ele está em casa, parece que terá uma suspensão de seis meses. Não poderá pilotar um trem novamente por seis meses. Isso é o que sei no momento. Foi uma distração, setenta e oito mortos; sessenta e uma viagens. Não é um trem a 40 km/hora, como o de outro acidente, em que um trem bateu no outro a 40 km/hora, também por distração na cabine. É cheia de distrações, essa profissão... Seis mil toneladas na mão, e estão distraídos... É só uma suposição, mas e se alguém, por uma inveja, uma raiva, um ciúme, qualquer coisinha, fez uma coceguinha no ombro do nosso amigo maquinista, que ficou coçando e, quando levantou o olho... a curva; fim?

O que quero ressaltar é como é fácil fazer uma coisa dessas; uma “distração” e acontece uma catástrofe desse tamanho. Por que essa pessoa não estava focada, centrada 100% do tempo, no que estava fazendo? Não é um trem de 40 km/hora. É um trem que, só ali, pode estar a 200 km/hora. E, como ele mesmo disse, as coisas passam rápido nesse trem. Então, muito mais foco ele teria que ter quando estivesse dirigindo essa máquina. É claro que essa hipótese jamais será levantada lá, nem em sonhos.

A mesma coisa que aconteceu com esse maquinista, acontece quando vamos ao caixa eletrônico e aparece uma tela, lá, dizendo: “Crédito à disposição”, e damos *enter*. É o mesmo tipo de hipnotismo que esse maquinista teve e que o fez ficar distraído, a 200 km/hora num trem pelo qual ele era responsável, e provocou a morte de setenta e oito pessoas. O mesmo tipo de distração é que faz com que as pessoas façam todas essas bobagens em termos de dinheiro.

“Cai a ficha” de que, se a pessoa centrar, estiver no caminho de se tornar um Buda, ela nunca cometerá esses erros e, em consequência, não terá os sofrimentos advindos disso? Pois é. Então, parece óbvio ululante que, se nós fizermos esse caminho evolutivo, não haverá sofrimento na nossa vida; só crescimento, alegria, felicidade, prosperidade. Supõe-se que todo mundo quer isso. Mas não. Por que, onde está este caminho aqui? Quantos? Quantos estão neste caminho? Este caminho daqui (*o oposto*) está lotado. Quantas pessoas estão neste caminho? Por isso, o que existe é sofrimento, sofrimento, sofrimento e sofrimento.

Vamos falar sobre oração. Uma cliente escreve assim: “Já acendi vela para tudo quanto é Santo, e Deus não me ouve.” É uma cliente, não é uma pessoa que nunca ouviu falar da Ressonância. É uma cliente. Então, já ouviu falar de Ressonância, talvez dos DVDs, talvez dos *e-books*, talvez dos livros, e assim vai, não é? Talvez já tenha tido acesso a uma dessas formas de divulgação, talvez tenha vindo aqui. Não importa, está tudo disponível. Sabe quando o Santo irá atender? Nunca, nunca. Ela já desconfiou, não é? “Já acendi vela para tudo quanto é Santo e nada, e Ele não me escuta.”

Quantas palestras já fizemos, recentemente, explicando isso? Tudo que se emana, volta. Então, qual é a oração que ela está fazendo? “Estou desesperada, devo ‘tantos’ reais para o banco x, ‘tantos’ reais para o banco y, ‘tantos’ reais para o banco z, devo o condomínio, devo o aluguel, devo ‘não sei o quê’, devo... Preciso, desesperadamente, ganhar dinheiro, senão vou me matar.” E, pouco mais, pouco menos que isso, é tudo igual: só carência e desespero. Quando você manda carência, volta carência. Esse tipo de oração serve para alguma coisa?

Perguntinha: isso serve para alguma coisa? Essa é uma “pílula”, é uma “pílula difícil de engolir”, não é verdade? É, é. Essa “pílula” é “dose”, porque quem faz isso quer forçar o Santo a realizar o seu desejo, não é? “Acendi uma vela para o ‘Santo A’, para o ‘Santo B’, ‘Santo C’, milhares. Já gastei uma fortuna de velas. Agora, estou devendo no supermercado, na vendinha, um monte de dinheiro das velas que comprei...”

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: “... e nada do Santo me escutar.” E, como ele não escuta é melhor falar: “Vou falar com o povo de baixo.” E também não resolve nada.

Então, quando falamos que é necessário entender como funciona o Universo, que é necessário entender como é a realidade “nua e crua” do

Universe, é preciso entender esta dimensão, a outra dimensão, a outra, a outra; todas – como funciona isto, realmente. Não as histórias contadas por alguém, tipo Rambo naquela famosa ilha do Pacífico. Lá, os nativos só podem acender vela para o Rambo. Eles não têm outra concepção, assim só recorrem ao Rambo. Ela falou: “Eu acendi vela para tudo quanto é Santo”, quer dizer, uma multiplicidade de Santos. Mas aquele povo, lá da ilha, eles vão ficar só com a velinha do Rambo. E nada, não é? Nada do Rambo arrumar “casa, carro, apartamento” e tudo o que eles precisam na ilha. O que eles devem fazer? Mais vela, mais, não é? “Vamos fazer mais, porque o Rambo não escuta...” Não seria melhor ligarem para Hollywood, para a secretária do Stallone, e falarem assim: “O senhor Sylvester tem algum problema de audição? Está surdo? Por que o Rambo não está nos atendendo? Há algum problema com esse deus Rambo”? Agora, vá alguém, lá, na ilha dizer assim para eles: “Rambo não é deus”. Assim que terminarem o “s”, no mínimo uns dez facões passa por essa pessoa. Porque, sabe todo adepto de Rambo usa um facão “desse tamanho” (*enorme*), fora as flechas que já estão chegando.

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: E do nosso lado aqui, não é igualzinho? Vocês assistiram ao filme: “O nome da rosa”? Recomendo que todos assistam ao filme: “O nome da rosa”, de Umberto Eco. Vocês vão achar que os acontecimentos são de mil e trezentos? Ledo engano. Tome muito cuidado, está bem? Há coisas piores que uma fogueira. “Cai a ficha”, de que esta civilização não mudou nada em relação àquela civilização de mil e trezentos e não sei quanto? Que vivemos na mesma situação. Experimente falar de Mecânica Quântica. Fale, fale para alguns conhecidos, para os amigos, para os parentes. Fale: “Mecânica Quântica” e veja como reagem a você. Muita gente, aqui nesta sala, já teve essa experiência, já sabe o que acontece, já sabe as consequências disso. Pois é. E qual é a diferença em relação ao livro, quando o personagem levantava umas questões? É igualzinho. Só que, lá, ele já ia para a fogueira. Mas, aqui, pode-se cair no ostracismo, certo? Porque a melhor maneira de uma comunidade punir alguém é isolar aquela pessoa. As comunidades que vinham da Europa e se estabeleceram na América do Norte, por volta de mil e quinhentos, 1600, faziam isso. Assim que alguém pensava e ousava falar, questionar qualquer coisa, a comunidade inteira isolava aquela pessoa. Pronto, ninguém falava com ela, acabou. A pessoa podia ficar, mas era ignorada por toda a comunidade, até que se arrependesse, revisse e voltasse a pensar como todo mundo. Era assim. E hoje é a mesma coisa. Então, a pessoa diz: “Mecânica Quântica” e já encontra muita resistência. Perde um amigo, perde dois, perde cinco, perde dez amigos, perde todos os amigos. Aí, o que ela faz? Para de falar – é extremamente eficiente; aí, ela para de falar.

Então, toda dinâmica que poderia haver que resolveria, rapidamente, os problemas, é perdida por causa disso. Devido os interesses econômicos, financeiros, políticos etc., etc. Porque é só a pessoa falar “Mecânica Quântica”, e começa a perder clientes, perder... Aí, ela não fala mais. Pronto. Então, um outro ousa, outro ousa, pronto, acabou para ele também, em pouco tempo, ninguém mais ousa falar, porque a notícia corre, não é? Fala-se: “Nem toque no assunto, que é só problema atrás de problema”. Pronto, propagou, acabou.

Ninguém mais fala do assunto. Igualzinho àquilo que vocês veem no filme. É por isso que a situação é a mesma. E é por isso que é difícil acabar com a magia negra neste planeta. Por que está durando tanto, tantos milênios e milênios e milênios?

Vamos voltar um pouquinho. Oração é uma coisa extremamente importante e valiosa e eficiente e meritória e necessária, certo? Então, está gravado, está gravado. O que o Hélio disse de oração? Está gravado. O que não está gravado, eu não disse, certo? Todas as palestras são gravadas, todas, todas, todas, todas – duas câmeras, por precaução, se uma não funcionar, a outra grava a mesma coisa. Só usarei o DVD de uma delas, mas, por precaução, há duas gravando. Então, ótimo, já fiz toda a “propaganda” da oração. Desce uma energia Divina, Celestial, imanta tudo, maravilhoso, ótimo. Em meia hora dá para fazer uma maravilhosa oração. Muito bem.

Está escrito, no Livro, o seguinte: “A Fé, sem obras, é morta”, ponto. Então, como vai se deglutir isto? Como vai se ignorar isto? Voltemos, lá, ao começo desta palestra. “A Fé, sem obras, é morta”, não é? Rezou, rezou, rezou, rezou, rezou, rezou, rezou, rezou, rezou, rezou, rezou, rezou; está bem, está bom, e...? O vizinho está passando fome; e...? Reza, reza, reza, reza, reza. O vizinho está passando fome... O que se faz? Nada.

No ABC (*região da Grande São Paulo*) ocorre, pelo menos, um estupro de mulher por dia, todo “santo” dia. Hoje houve um, amanhã haverá outro, na terça-feira outro, e assim sucessivamente, *ad...* Isso é dado estatístico. É o que se fica sabendo. Muito bem. O que é feito em relação a isso? Nada, nada. Como os estupradores pararão de fazer isso? Caímos na situação do “Revolucionário Quântico”.

Houve milhares e milhares e milhares de experiências revolucionárias, onde se depôs um governante, depôs outro, depois depôs outro, depois depôs outro, e assim sucessivamente, no planeta inteirinho. George Orwell escreveu: “A Revolução dos Bichos”, porque cansou de ver isso – então, resolveu fazer um livrinho infantil, que era o que dava para fazer, certo? Lembram-se, “O nome da rosa”? Então, Orwell escreveu uma historinha infantil – **a mudança real só acontecerá com a mudança interna das pessoas**. Não adianta fazer nada externamente, enquanto não houver a mudança interna. Então, depõe-se um novo tirano, entra o mais novo tirano. Ele é pior do que aquele que saiu. Depois de um tempo, o povo tem que tirar esse também. Aí, tira-se o novo tirano, coloca-se... Agora, o novo, novo, novo tirano. O que acontece? Ele é pior do que... Por aí, não há a menor solução, nunca, e nunca haverá. Por quê? Porque o estado de consciência de quem está aqui, de quem está aqui, de quem está aqui (*demonstra com vários espectadores*), é igualzinho. Então, tira-se aquele, põe este. Mas, qual o estado de consciência deste aqui? É igualzinho. Tira-se esse, põe-se ela (*demonstra com espectadores*), fica igualzinho. Vai mudar quando? Nunca. Nunca.

Então, a mudança só acontecerá quando for interna. O Revolucionário Quântico é aquele que faz as mudanças internas.

Em outra palestra foi falado que “a individuação custa tudo”? Esse *tudo* que foi falado é interno. Não custa tudo o que é externo na vida de vocês – casa, carro, apartamento. Não é isso que custa. É o ego. A individuação, isto é, tornar-se uno com o Todo, o estado de Buda, custa o ego inteiro da pessoa. Então, o preço é tudo, tudo, tudo. O ego tem que estar, totalmente, a serviço do Todo. Quando houver um número x de pessoas nesse estado, uma massa crítica, a mudança acontecerá rapidamente. Porque um levará a outro, que levará a outro, que levará a outro, entenderam? “Se essa pessoa pagou o preço, então eu também posso pagar, porque não vejo diferença entre nós; temos os mesmos problemas etc. Então, se ela pagou o preço, também vou pagar.” Aí, mais um paga. Esse também quer pagar, pronto, a coisa espalha rápido. E isso estamos falando, ainda, em termos individuais, não é? – um aqui, um na China, um no Canadá.

Haveria uma forma mais fácil? Haveria. Em mil novecentos e sessenta e poucos, criou-se, em Israel, o que ficou conhecido como o *kibutz*, uma comunidade, o mais possível, autossuficiente – a comunidade produz tudo o que precisa. Tem excedente, é lógico, e troca o excedente com o que não há dentro da comunidade, como sal, por exemplo. Se não é possível ter sal aqui, troca-se com a outra comunidade que tem o sal. Essas trocas são mínimas, porque, senão, vai virar um império comercial, certo? O *kibutz* não tem fins lucrativos. Não é para virar uma megaempresa. Então, produz-se tudo – tudo o que é possível – no mesmo local, existe um fundo comum, todo mundo tem o que precisa. Todo mundo trabalha no que gosta, há uma divisão de funções: “Você cuida ‘disso’, você cuida ‘daquilo’, você cuida ‘disso’,...”. Distribui-se tudo. Todas as funções são feitas, resolvidas, e todo mundo fica feliz. Pois é. Acontece que, na prática, quem era o tratorista – num *kibutz* qualquer, não importa – o piloto do trator, para arar a terra, por exemplo? Era um Professor de Filosofia numa faculdade x, era um catedrático de Filosofia, o “tal”, e agora passou a ser tratorista, feliz da vida. Entenderam que tipo de pessoa faz a mudança acontecer? Que tipo de filosofia de vida faz a mudança acontecer, que pode transformar este planeta em algo quase Celestial? Pois é. Agora, vejam o ego do tratorista – ele está revoltado, está humilhado, se sente inferior por estar pilotando um trator, sendo um catedrático de Filosofia? Não, não. Ele sabe que, ali, cada um precisa ter uma função, para o bem comum do *kibutz*. E, em outra função, há outro professor, há outro, e assim por diante.

O nível intelectual é excelente, porque ninguém é obrigado a ir para o *kibutz*. Quem quer ficar na sociedade “normal”, aqui fora, fique à vontade. Pode levar a vida que quiser, problema dele. Agora, quer viver no *kibutz*? “As regrinhas aqui são ‘assim, assim, assim, assim, assim’. Está bom para você? Ótimo, ‘beleza’.” Então, o sujeito vai, de livre e espontânea vontade, viver no *kibutz*. Funciona? Funciona, porque ali estão as pessoas que escolheram, livremente, viver daquela forma. Ninguém é obrigado. Há meia dúzia de pessoas ali, e o resto do planeta – sete bilhões – desse jeito nosso, como vocês sabem. Se aquela ideia se multiplicasse, todos os problemas econômicos, políticos, sociais, estariam resolvidos no planeta Terra. Multiplicou? Não. Nada, nada; é só aquilo ali. As pessoas que estão fora, não querem nem pensar nisso. Então, é possível, meia dúzia de pessoas – há um número x – organizarem um sistema desses? É. Alguém passa fome no *kibutz*?

Ninguém. Alguém fica sem roupa? Ninguém. Alguém fica sem casa? Ninguém. Portanto, a fé, sem obras, é morta.

Crescer, crescer, crescer – é isso o que acontece quando entra a Ressonância. Bem, agora está bom, já orou. Agora, trabalhar, trabalhar, trabalhar. Vamos trabalhar, crescer, evoluir. Não; aí, é “pé no freio”, e acender a vela para o Santo, para *n* Santos, que não escutam. Entenderam a lógica que está por trás disso? A pessoa não cresce e vai acender a vela. E não troca a concepção de quem é a Divindade, porque já percebeu que se trocar a visão de mundo que tem da Divindade, ela terá que crescer: estudar, trabalhar, e assim por diante. Então, é um impasse total. Como opta por “Não quero crescer”, então, tem que achar o “atalho”, o “jeitinho” – a magia negra. Porque a magia branca, não serve. Essa é a questão, a magia branca não serve. Porque, o que vai acontecer com a magia branca? Transfere-se uma energia, uma informação, para haver crescimento. Não vai haver “jeitinho”, fazer “assim” (*estala os dedos*). As pessoas têm que trabalhar. Portanto, que tipo de oração se deve fazer? Só há um tipo, só há um tipo.

Plateia: De gratidão.

Prof. Hélio: Exatamente. De agradecimento. Só gratidão. “Agradeço por ‘isso’, por ‘isso’, por ‘isso’. Agradeço por ‘isso’, por ‘isso’. Agradeço por ‘isso’, por ‘isso’”, pronto, terminou. E não da “boca para fora”. A gratidão tem que vir de dentro. “Obrigado pelo carro que está na minha garagem”. “Obrigado pelo meu aumento de salário no emprego”. “Obrigado pelo meu apartamento”. “Obrigado...”, e assim vai. O único detalhe é que a pessoa que está falando isso ainda não tem carro, nem apartamento, nem garagem, nem aumento, nem emprego. E aí, o que acontece na vida dela? Aparece carro, casa, apartamento, emprego, aumento, salário etc. Mas, o que eu ouço? “Pensei no carro e não há carro nenhum na garagem. Já faz um mês...”

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: “- ...faz dois meses, faz três meses, seis meses.”

Há dois mil anos foi dada a fórmula para que ninguém precisasse fazer magia negra. Veja, toda a “receita do bolo” foi dada há dois mil anos. “É brincadeira, hein?” Tudo que era necessário passar para sanear, para sanar, para resolver todos os problemas do planeta, foi feito e dito há dois mil anos. Tudo. Está, lá, escrito: “Tudo o que vocês pedirem, crendo que receberam, receberão” – verbo passado, verbo futuro. “Crendo, crendo” – quando acredita que já recebeu, receberá. Mais claro que isso é, literalmente, im-pos-sí-vel. Impossível explicar o “colapso da função de onda” mais fácil do que isso. Ele podia ter falado “colapso da função de onda”? Poderia. Aí, o povo estaria reclamando, há dois mil anos, que foi dada uma fórmula hermética, que ninguém consegue entender, que pode estar certa, mas ninguém consegue entender nem pôr em prática. Pois é. Aí, quando se fala o mais “arroz com feijão” possível, o que acontece? Nada, nada, isto é, ninguém procura entender e recorre à magia negra, “Vamos, lá, no feiticeiro, para dar um ‘jeitinho’ na coisa”.

Por que não acreditam em “Tudo o que pedirem, receberão. Crendo que receberam, receberão”? Por que as pessoas não acreditam nisso?

Plateia: Por causa do sistema de crenças?

Prof. Hélio: Não; não. Não, não é. Não é. Há uma regra de Contabilidade que diz assim: “Entra, debita; sai, credita.” “Entra, debita...” é a “regra de ouro” da Contabilidade. Se entendeu isso, você virou contador; se não entendeu, esqueça.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: “Entra, debita; sai, credita.” Se você aplicar esta fórmula, a “receita do bolo”, aplicar direitinho, como está escrito, ganhará casa, carro, o que você acredita que receberá. Casa. Bem, entrou casa, debita; você é debitado em uma casa. E quem lhe deu a casa é creditado. Portanto, neste momento você passou a ser um?

Plateia: Devedor.

Prof. Hélio: Devedor. Ótimo. Devedor. Se pedir mais coisa, mais débito. Entra, debita. Então, você vai pedindo, pedindo, aí debita, debita, debita, debita. É a mesma historinha de conjurar um “fulano” para trabalhar para você. Ele lhe deu tudo isso? Muito bem. Você está debitado e ele, creditado. Esta é uma regra de Contabilidade infalível, extremamente poderosa, extremamente.

Toda companhia de vendas entendeu isso, há muito tempo. Então, o sujeito bate na porta, a pessoa abre e ele se apresenta: “Sou da companhia ‘tal’ e temos um brinde para a senhora. Aqui está. A senhora acabou de ganhar este brinde...” – algo “assim”, bem volumosa – “...de presente da nossa companhia.” Nossa! Conhece aquele dito que “de graça, até injeção na testa”? É, levar vantagem. O crocodilo, quando vê que vai ganhar um patinho, delira. Pois é. Aqui dentro (*na cabeça*), cérebro reptiliano. Imagine, imagine os grandes estudiosos das vendas, vendas. A dona de casa fica felicíssima porque ganhou um brinde maravilhoso; o olhinho brilha. O nosso representante fala assim: “A senhora permitiria eu lhe mostrar o nosso produto?” “Ah, entre, entre, entre.” Como ela não deixaria que ele entrasse? Como? Impossível. Perceberam a técnica? Impossível. A mulher está debitada. Acabou de ganhar um presente. Entrou o presente, debitou. Ela está devedora e o sujeito, credor. Dentro dela surge, na mesma hora, emerge, uma onda horripilante de sentimento de dívida. Vocês já tentaram dar um presente para alguém, que tentou pagar? A pessoa diz assim: “Não. Quanto é? Não, quanto é?” “Não, não, não, quanto é? Não, quanto é?” Até que o outro aceite: “Está bem, custa dez, vinte, trinta, cinquenta”, e o presenteado tira o dinheiro. “Tome, estamos quites”. Estamos quites. Tentem fazer negócio com um gângster. Tentem fazer e lhe deem de presente um objeto. Vejam como ele reage. Nenhum gângster aceitará nada de presente, porque entende muito bem essa regrinha – entrou, debitou. Ele passa a ser devedor. Então, é “uma mão lava a outra”. Aquela frase: “É dando que se recebe” - distorceram tudo o que São Francisco falou.

“É dando que se recebe”, certo? Por quê? Porque, quando você deu, está debitado (*o outro*), está creditado (*você*); situação se inverteu. Então, o outro se remói dia e noite, enquanto não fizer o favor mais ou menos paritário. Quando você convida um casal de amigos: “Vamos jantar lá em casa” e eles vão. Você deu um jantar para eles - entrou o jantar, estão debitados; você, creditado de jantar.

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: Se esse casal não retribuir, está na lista negra social. Não é verdade? O casal que recebeu ficará desesperado para pagar esse jantar. Então, vai convidar, vai fazer qualquer coisa para dar em troca, para ficar igual. Quites.

O vendedor que não entender isso vai morrer de fome. Essa é a regra de vendas. Perceberam? Todo vendedor, mega vendedor, faz isso. Joe Girard foi campeão mundial de vendas, oito anos seguidos, em Detroit. Vendia por volta de mil trezentos e setenta carros por ano, um a um – pessoa física. Não era frota, não. Um a um, mil trezentos e setenta e tantos carros por ano. Dividam isso por vinte e seis dias úteis por mês, vejam quantos carros ele vendia por dia; durante oito anos seguidos. Ele almoçava? Não. Ele visualizava – antes de sair – visualizava que já tinha vendido tudo. Portanto “Tudo o que vocês pedirem, crendo que receberam, receberão”, certo? Ele já tinha vendido; acabou. Então, ele saía. O que ele pegava? Um brindezinho aqui, um brinde ali, um brinde ali, de acordo com o tamanho do carro que queria vender, o preço, “pá-pá-pá-pá-pá”. Pronto. E ele passava os almoços dando um brinde aqui, outro, visitando... Oito anos seguidos, mil trezentos e setenta e cinco carros por ano. E o povo reclama que não consegue vender carro nas concessionárias. É claro que não consegue. Cadê a troca?

Nem mesmo tratar bem um cliente, hoje em dia, os vendedores fazem. As recepcionistas, as atendentes etc. Vá a um *shopping* e dê uma olhada. Entre numa loja para ver o atendimento como é. Se a pessoa tratá-lo bem, você já está debitado e ela está creditada, porque está tratando você bem. Então, você já está suscetível de fazer uma compra para igualar e pagar o favor que a vendedora..., mesmo que seja comprando, para pagar aquilo. Só que essa “fichinha” não “cai” na cabeça dessas vendedoras, vendedores etc. Eles acham que estão fazendo favor, se tratarem bem o cliente. Não é favor, é negócio. Se não tratar bem, não debita, não credita, não vende. Então, só essa “dica”, para quem vende, aqui, para quem cuida de vendas, já vale ouro, certo? Dá para vocês ficarem bem ricos só com essa regrinha que foi falada agora.

Mas, vamos voltar lá atrás. Você pediu, creu que recebeu, recebeu; debitou, e Ele está creditado. Você pede mais, recebe. Como é que faz? Como é que você deita e dorme, na “santa paz”, com um débito desse tamanho? Bem, se dever R\$5 mil no banco, você já não dorme, dependendo do seu salário. Agora, imagine se dever tudo que estamos falando aqui, que é imponderável. E aí? Por isso que não faz. “Cai a ficha”? “Caiu a ficha”, ou não, por que é que não fazem? Quem pede e recebe fica devedor do Todo. O Todo está credor e agora você está devedor – devedor “disso”, “disso”, “disso”.

Todos os pedidos que você fez e que agora está devendo. Não é possível – é contabilidade – não é possível escapar disso. Alguém pôs na sua vida aquilo, você passou a dever. Porém, a pessoa acha o seguinte: “Vou lá e acendo a vela para o Santo. Se eu dou uma vela para o Santo, o Santo me dá um carro. Estamos quites.”

Foi isso que o parente falou, para aquele sujeito, de que mencionamos, no início da palestra. Ele disse: “Espere um pouquinho, amigo. Você está dando uma quirera e está só ganhando, ganhando, ganhando, ganhando. Isso, com certeza dará problema. Pare e pense bem no que você está fazendo.” Bem, ele só foi pensar depois que parou tudo, não é? Depois que estancou tudo, e acabou a prosperidade. “E aí? E agora?” “E agora?” Mas, lembra o que o parente lhe respondeu: “Olhe, olhe, você está exagerando”, porque foi uma coisa, duas, três, cinco, dez, quinze, não é? Negócio é negócio. Você acha que o conjurado tem algum problema em fornecer inúmeras quinquilharias? Nenhum. Nenhum.

Essa coisa de matéria, a mesquinharia desta dimensão, não existe na outra dimensão, entendeu? “O que você quer?” “Carro”, carro; outro, outro, outro, outro. E o que é carro? Um bando de átomos reunidos. Mansões... E daí? E o débito que está ficando? Porque o conjurado do “outro lado” é um grande investidor, um grande vendedor, certo? Ele vai dando e vai cobrar lá na frente. Daqui a dez mil anos. Ele não tem pressa. Lembram do caso que contei? “Ai, agora não dá certo, não tenho clientes e não entra dinheiro e ‘não sei quê’.” É? Lembra, dez mil anos atrás, quantos sacrifícios humanos você fazia, quantos coraçõezinhos arrancou das criancinhas? Esqueceu, não é? Não lembra. Pois é, mas a contabilidade é eterna. Esse é o problema: o balanço não fecha na cova.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Morreu, vai para o “descanso eterno”, débito, passivo, ativo. Acha que a dívida ficou para a família, não é? Sobrou para os filhos, sobrou para a mulher, para todos os parentes. O sujeito estava devendo para todo mundo, morreu, deu um tiro na cabeça, tudo ficou resolvido... Na contabilidade do Universo não existe isso. Você tem, lá, um código, e um débito e crédito seu, um balanço. Vai indo, encarnação após encarnação – debita, credita, debita, credita, debita, credita. Você evolui na medida em que credita, credita, credita, credita; e involui quando debita.

Agora, como pode evoluir se, para evoluir, precisa creditar? Para creditar tem que fazer. Tem que fazer algo que entre na vida do outro como uma coisa boa. Você fez o bem – tratou bem, ajudou, uma palavra, um sorriso, qualquer negócio serve. Pronto, ajudou, então está creditado. Percebeu? Entrou nele, ele está devedor. Eu fiz, sou credor. Então, vou fazendo, fazendo, fazendo, fazendo. Evidentemente, que ele não tem como pagar isso. Quem já entendeu como o sistema funciona, não fica preocupado: “Ai, porque fiz o bem para ele e ele, até agora, não fez nada”.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Você nem deve pensar nisso. Faça o bem incondicionalmente. Por quê? Porque a contabilidade que está sendo feita, está sendo feita pelo...”

Plateia: Criador.

Prof. Hélio: ...Todo. O Todo é que tem o balanço, na mão, seu débito e crédito. Então, quando você faz, faz, faz, faz, faz, faz, faz, vai subindo, na escala, porque você está sendo creditado, creditado, creditado. E, aí, surge uma questão. Porque o Todo, observando o seu balanço – débito, passivo/ativo – Ele vai ver que você está creditando, e vai ganhando mais crédito, não é? Você trabalha, trabalha, trabalha e faz e faz e faz o bem – imagine um Gandhi. Imaginem trezentos milhões de pessoas libertadas da escravidão. Imagine, creditam-se trezentos milhões na conta do Gandhi e debitam-se os trezentos milhões de indianos, não é? Porque agora eles lhe devem. Tudo certo. Não é possível pagar, não há problema. Gandhi nem está preocupado com isso. Mas, mas, a realidade, nua e crua, é que, na contabilidade geral, ele está creditado de trezentos milhões de escravos que libertou. Então, imagine, seu ativo cresce, cresce, cresce, cresce. O Todo, vendo isso, o que pensa? “Temos um problema...”

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: É preciso equilibrar esse ativo/passivo. Então, o Todo derrama *n* toneladas de graças em Gandhi – entra Graça Divina em Gandhi, em grande quantidade, muito grande. Ele sobe não sei quantos degraus. Fica equilibrado, porque quando essa Graça entra em Gandhi, ele é debitado, certo? Ele estava creditado dos trezentos milhões. Aí, o Todo lhe deu uma grande quantidade de Graça Divina, ele foi debitado; no balanço de Gandhi, agora está de igual para igual. Então, o Todo resolveu a questão.

Há um versículo que diz assim: “O Todo nunca se deixa vencer em generosidade”, ponto. Esse versículo quer dizer, exatamente, isso que foi explicado agora. Perceberam? Gandhi estava sendo extremamente generoso. Trabalhou, trabalhou, trabalhou, libertou os trezentos, sem nem se preocupar com o crédito disso. Fez isso porque era assim, pronto. Só que não há como escapar – ele está creditado. É igual ao eletromagnetismo, não há o que fazer. Existe e funciona e não é possível escapar. O “tal” *karma* é eletromagnetismo. O que o Todo faz para equalizar a contabilidade? Derrama graças em cima de Gandhi. Bem, agora Gandhi foi debitado com muitas graças. E o que vai acontecer? Os trezentos milhões já foram pagos e agora Gandhi é que está devendo. Acha que ia pagar com, “Tome trezentos”, “Tome trezentos”? Gângster é que faz negócios desse jeito. O Todo, o Todo já derrama. Quantos ele libertou? Trezentos milhões? Então credita cinco trilhões nele. Pronto, porque ele é um perigo, não é?...

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: ... é um perigo. Credita, que Gandhi se sente debitado em cinco trilhões, e o que ele pensa? “E agora? Agora tenho que arrumar um jeito

de equilibrar isso. Vou fazer mais.” Gandhi arruma qualquer jeito – asas à imaginação – e então faz mais, faz, faz, faz, faz, faz. Em pouco, o tempo passa e ele consegue equilibrar os cinco trilhões. Aí, a história começa tudo de novo, porque é assim que ele... “Bota cinquenta trilhões nesse ‘cara’”. É assim que funciona.

Agora, para evitar o débito, o que a humanidade faz? Rejeita, de todas as formas, receber as Graças Divinas, para não ficar devedor para o Todo. O mesmo princípio de ganhar um brinde da empresa que vai vender um aspirador de pó para você; o mesmo, igualzinho. Você não suporta ficar devendo aquele favor que o sujeito lhe fez, ou o brinde, ou seja lá o que for. Você precisa retribuir. É a mesma coisa. Então, o Todo fez, e agora o que você faz? Agora você tem que ajudar os outros. **Porque, o que o Todo disse que é a única forma de pagar alguma coisa para Ele, de retribuir? Ajudar aos irmãos.** É a única forma, porque não há o que você possa fazer para o Todo; impossível, literalmente, literalmente. Lembra? O Todo é tudo.

Muito bem. Então, uma mísera partícula dentro do Todo. Vamos supor que este Universo seja o intestino humano, lotado de amebinhas. As amebas estão recebendo comidinha, certo? Está entrando tudo o que elas precisam. As amebas estão devedoras? Estão; estão, porque você está garantindo. Quando você se alimenta, o alimento todo transita no intestino, e as amebas ganham tudo isso, de graça, porque você simplesmente foi ao restaurante e comeu; pronto. As amebas estão vivendo às suas custas. Assim, você está creditado e elas estão debitadas. Muito bem. É o mesmo princípio. Como esta ameba, uma, pode fazer algo para você? Como ela pode lhe pagar o bem estar que ela está tendo, de ter “casa, carro, apartamento” no seu intestino?

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: É a mesma situação. Ela não tem o que fazer para você. Você ignora, até ignora que ela existe. E aí? Ela só pode ajudar a outra ameba que está do lado dela. Mas é isso o que acontece? Não é isso o que acontece. Uma ameba quer acabar com a outra.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Porque essa é uma ameba reptiliana. Quando crescer, ela vai ser crocodilo.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Vai ser difícil dormir hoje.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Cheguem em casa, cheguem em casa, e peguem um caderno: “Débito e Crédito”. Comecem a listar. Na coluna do débito ponham tudo o que o Todo já deu para vocês. E vejam o que há no crédito.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: É literalmente, desse jeito que está sendo explicado, literalmente. Pois é. É preciso trabalhar, trabalhar, trabalhar, estudar, fazer, fazer. Por isso que foi dito: “A fé sem obras é morta.” Como você arruma esse balanço? Ganhou o brinde da companhia de aspirador de pó, e agora? O que você faz? Está bem, você pegou o nome do vendedor, ele lhe deu o cartãozinho, e aí, todo dia...

Plateia: Você fica esperando ele chegar.

Prof. Hélio: Não. Você reza pelo vendedor. Aí, você reza, reza, reza, reza duzentos milhões de anos pelo vendedor. Só que o brinde está lá na cozinha, certo? Você está devedora daquele brinde que ganhou. Pode rezar quanto quiser pelo vendedor. Lá no seu consciente e inconsciente, a ideia está formigando. Tanto é que você tem que rezar todo dia pelo vendedor, para aplacar a consciência que está lá corroendo, corroendo, corroendo: “O sujeito me deu uma coisa e eu não dou nada em troca.” Não tem como escapar, porque isso é Lei Cósmica, é lei de consciência. Você recebeu, tem que retribuir. Você pode não fazer, imaginando: “Ah, eu sou esperto. Levei vantagem no negócio. O sujeito trouxe o brinde, eu o peguei e bati a porta na sua cara; ele foi embora, pronto.” “Ganhei o brinde.” Deixe passar, deixe passar um mês, dois meses, seis meses. A chamazinha que está lá embaixo vai lembrando: “Devendo, devendo, devendo, devendo, devendo.” Você olha o brinde, e decide: “- Hum...”, então pega aquele objeto e enterra no quintal, põe grama em cima.

Passam seis meses. Toda vez que vai ao quintal, você vê aquela grama. Fala assim: “Não está funcionando.” Então, diz para o marido: “Vamos trocar de casa”, porque é insuportável ver o montinho, lá, com aquele brinde dentro. O marido não entende o motivo que você cismou que precisa trocar de casa. Bem, troca de casa, vai para uma nova casa. Aí, você se lembra: “Estou na nova casa por causa da casa velha, por causa do montinho, por causa do brinde.” Você pega o cartãozinho do vendedor e liga para ele: “Meu amigo, quero lhe pagar um almoço. Quero lhe dar uma geladeira de presente.” O vendedor fica muito feliz. “Nossa! Dei um brinde, e agora ganhei uma geladeira.” Ele pega a geladeira e leva para casa. No dia seguinte: “Estou devendo uma geladeira.”

Imaginem isso em termos cósmicos, *ad infinitum* de pessoas, e o Todo fazendo, sem parar, fazendo; e todo mundo sendo debitado, quer queira, quer não queira. Porque essa é a questão, não é? Sabe por que a criança fala assim, quando vira dez, onze, doze anos de idade, aquela idade interessante: Eu não pedi para nascer?

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Essa frase antecede oitenta anos de Psicoterapia que vai fazer pela frente. Porque é uma ingratidão total, não é? Já percebeu que está debitado: “Pai e mãe creditados, eu debitado. Cheguei aqui e estou devendo.

Como é que faço?” A primeira coisa é dar umas patadas, certo? “Não, eu não pedi para nascer. O problema é seu.” Porém, não adianta fazer isso, porque não resolve o problema da consciência, que está, lá, fumegando. Pode fazer o que for, a consciência está lá. Porque não é possível escapar. A criança não tem como escapar. Quantas fraldas foram trocadas?

Prof. Hélio: Não “tem jeito”. Não “tem”. Está bem; então, qual é o jeito? Ajudar os pais, fazer o bem para os pais. Ajudar, “nã-nã-nã”. Isso seria o normal, não é? Nossa! Esse planeta seria feliz se isso acontecesse. Aí, o que acontece? Os pais vão envelhecendo, vira um problema. O filho pega o velhinho, ou a velhinha, e põe no asilo – na Casa de Repouso. Casa de Repouso, a antessala do “repouso eterno”.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Por que não põe na Casa de Trabalho? Não, põe na casa de repouso, para ver se o velho morre logo, não é? Porque, se trabalhar, é capaz de viver muito. Então, põe o inútil lá. “Não, não pode fazer nada. Só assiste televisão. Vamos ver se morre logo.” Imaginem o débito dessa criatura, desse filho que fez isso. Imaginem o débito. Já está debitado a vida inteira, ainda pratica uma ação dessas. Os pais estão creditados. O velhinho, a velhinha, que está jogado às traças, lá. Ele está creditado. Está só ganhando crédito e o filho está só ganhando débito. Já sabem: planta, colhe. Na próxima vez, adivinham? A situação vai se inverter. É inevitável. E não é castigo, vejam bem, não é castigo.

Como é que essa pessoa aprende alguma coisa, desse jeito? Como é que ele aprende que precisa tratar os pais direito? Ele terá que ficar na mesma situação, “beber aquele cálice”. Então, ele vai sentir: “Epa! Epa!”, não é? Por quê? Porque a contabilidade é eterna. É a eternidade, não é uma vida aqui, outra aqui, outra aqui. É eterna.

Quando ele passa para o astral, lembra-se de tudo isso, tem que repensar em tudo isso; não tem escapatória. “Olhe, é ‘assim, assim, assim’. Venha cá ver o filme da sua vida. Assista aí.” E agora? Não tem como escapar, porque está tudo gravado, há um filmezinho, que é exibido, pronto. Isso é claro, para aqueles com quem dá para conversar, certo? Com quem é possível conversar e planejar uma encarnação, a próxima. Com quem não dá para conversar, o caso tem que ser analisado. Uma junta analisa, fala: “Bem, que podemos fazer para ajudar essa pessoa a evoluir? Ponha em ‘tal’ situação, ‘assim, assim, assim, assim’, que deve ajudar”, sempre de uma maneira benevolente, está bem?

No Universo, nada é “olho por olho e dente por dente”. É tudo benevolente. Por mais horripilante que a pessoa tenha sido, é muito menos o que se exige dela, em termos de trabalho, trabalho, trabalho, para compensar aquilo que fez. Se fosse “olho por olho”, aí a humanidade veria o que é o inferno na face da Terra. Porque, aí, seria como é lá embaixo, “olho por olho, dente por dente”. Nesse caso, se pegaria o que está lá embaixo para botar aqui; pronto, aí...

Como o Todo é puro amor, Ele não tem nada a ver com esses sentimentos humanos de crueldade, Ele só ajuda. Mas, a pessoa tem que vivenciar uma situação para poder sentir na pele, doer na pele, para na próxima vez, daqui a dez encarnações, tratar o pai e a mãe direito. Vai levar, vai levar um monte de encarnações, porque não é “assim” (*num estalar de dedos*), não é? Terá que escutar muitas palestras iguais a esta, do “outro lado”.

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: ... Até compreender que precisa mudar: “É, realmente, é, é. É melhor eu fazer diferente, da outra vez.” Mas vem e faz tudo errado. “É melhor fazer diferente na próxima vez”. Vem e torna a fazer tudo errado. Lá na quinquagésima vez – doeu, doeu, doeu, doeu, doeu – Epa! Então, por reflexo condicionado, em vez de fazer errado de novo, muda. Epa! Não sabe por que, mas ia para cá, e muda de rumo: “Não, vou para cá (*para o outro lado*). Não sei por que, mas vou fazer ‘isso aqui’.” Perceberam? Aqui, ia levar muita vantagem. “Não, não sei por que, mas não devo fazer isso.” A mente não consegue racionalizar isso, mas o sujeito sente que doeu tanto nas outras vezes que ele foi para cá. Então, ele para de ir para cá e vem para cá (*para o lado oposto*). Por isso que as pessoas fazem coisas sem pensar, por automatismos, entenderam? Porque já colocaram tanto a mão na fogueira, que na próxima vez não chegam perto. Mas, para isso, não precisaria haver sofrimento, sofrimento, sofrimento, sofrimento.

Onde entra a Ressonância? Todo esse desenrolar poderia ser minimizado, tremendamente, com o uso da Ressonância. Levaria um milhão de anos para subir um degrau “assim” (*muito alto*), se a pessoa deixasse a Ressonância entrar, numa vida ela subiria, numa vida. Basta pegar o ego, botar de lado e deixar a Centelha trabalhar; fim. Mas, para isso, é preciso estar totalmente consciente de como funciona o Universo. É necessário vivenciar, na carne, tudo aquilo que está sendo falado aqui. Não pode ser teórico, filosófico. Não pode. Na hora que botar o ego de lado e a Centelha for trabalhar e você falar: “Não faço esse empréstimo, porque a pessoa não tem como pagar isto”, e em seguida ouvir “Então, você tá demitido”, você vai saber aceitar, “Está bem, estou demitido. Adeus.”... Quanto à pessoa teria que sofrer, durante toda essa trajetória, para chegar aqui (*um degrau acima*)? Ou ela pensa que vai chegar e dar um “salto” assim, nesse milhão de anos, sem sofrer nada? Isso não existe. Vai precisar trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, para poder dar um milhão de anos, para dar um “salto”.

Não existe “almoço grátis”, perceberam? Terá que pagar, creditar-se, certo? Para dar o “salto”, ganhar a medalhinha é preciso creditar. Então, terá que trabalhar muito para poder subir “isso”, que levaria um milhão de anos. Então, não pense: “Ai, mas estou sendo prejudicado, porque eu vou perder o emprego, e aí...” Não, você não está sendo prejudicado. Está sendo beneficiado, porque em vez de levar um milhão de anos para fazer “isso aqui” (*subir*), pode fazer “isso aqui” numa vida. Vai doer agora? Doeu? Doeu. E o que vai doer em um milhão de anos? Agora doeu muito menos. Porque é inevitável que você tenha que dar esse “salto”, inevitável.

Um budista disse assim: “O melhor que a gente pode fazer é se render, imediatamente.” Quando se iluminou, entenderam? Quando se iluminou. Esse teve um tremendo *insight*. Ao sentir o Todo, sentir, já se rende. Não tem como lutar contra. Com o Todo, não dá para ficar filosofando, conversando, negociando, fazendo..., não dá; tem que se render. Amigo, rendição imediata.

É pura perda de tempo lutar contra o Todo. Primeiro, que o Todo só quer o bem da pessoa; então, fique tranquilo. Agora, resistir à própria evolução é inacreditável. Mas, como o Todo não tem problema de tempo, Ele deixa você seguir. Pode seguir um milhão, cinco milhões, “não está nem aí”. “Vá, vá, vá. A hora em que você melhorar...” E aí você está debaixo do eletromagnetismo, está certo? Você criou – semeou, colhe. Semeou, colhe. Semeou, colhe. Lá na frente, o que vai acontecer? Você tem que evoluir. É claro, vocês vão dizer: “Está bem; mas há o povo lá debaixo. Eles podem resistir”. Podem, podem; muitos resistem. Só que, à medida que se resiste, involui na forma; não na consciência, na forma. Toda a escala evolutiva pela qual ele passou de mineral, vegetal, animal, “nã-nã-nã”, começa a retroceder. E, se evoluiu via uma cascavel, quando começar a involuir, seu perispírito terá um formato de cascavel. Se foi lobo, ele aparecerá como lobisomem. É. “Cai a ficha”, as famosas lendas medievais e “pá-pá-pá-pá”, lobisomem? Existe uma grande quantidade, uma grande quantidade. Ainda bem que vocês não veem. Vocês reclamam, não? “Quero ser vidente”. Eu ouço os pedidos. “Não; quero enxergar, quero ser clariaudiente, clarividente, ‘clari-qualquer coisa’”. Muito bem, “beleza, beleza”. Você não tem ideia de por que não enxerga, não é? Acha que você é inferior porque não está enxergando e o outro é um médium que enxerga tudo? Cuidado com o ego.

Imagine uma situação em que uma pessoa comum possa enxergar como médium, e lhe recomendam: “Amigo, vá tomar o metrô. Vá lá, dê uma passeada no metrô.” Ele entra e dá de cara com um lobisomem, sentadinho lá, ou em pé. E aí? Involui. Segue o mesmo roteiro que fez para evoluir e involui. Como na lenda dos vampiros – “lenda”. Quando o vampiro está do “outro lado”, o que ele faz, esse, o conjurado? Assim que você der chance, ele vai sugar toda a sua energia vital.

Com os suicidas, então, é uma “festa”. Eles ficam falando “Se mate, se mate, se mate que acaba tudo, você fica livre do problema. Se mate; se mate.” Aí, o indivíduo se mata, trinta grudam nele e sugam, sem parar, até não sobrar uma gota de *Chi*.

Vocês assistiram “*Walking Dead*”, o seriado? George Romero, o “pai” desse tipo de filme – George Romero. Vocês acham que o George Romero tirou aquilo de onde? Aqueles zumbis todos? Passou o filme, agora, dos zumbis. “Guerra Mundial Z”, com ator Brad Pitt. Acham que aquilo é ficção? Do “outro lado”, está “assim” (*muitos*). Morreu. Você não quer saber de nada, não é? Não tem proteção, não tem ligação com o Todo, não é? Tudo é materialismo, não existe nada depois da morte e assim por diante?

Muito bem. Você só pode ser ajudado se pedir ajuda. Lembra-se do livre-arbítrio? Vamos. Esse sujeito vai ter que ser ajudado “na marra”. Isso não existe. “Você quer ser ajudado?” “Quero.” “Então, vamos protegê-lo.” Não quer? Se não quer, é sagrado. O sujeito não quer; então, ficamos lá, ficamos lá no canto, esperando. Enquanto isso anda um bando de vampiros junto com ele, o tempo todo. Dormem junto, sugam tudo o que é possível.

Nada disso é lenda, nada é ficção. Tudo isso é real, que a pessoa ou vê – o escritor – vê, porque o escritor se desdobra e vai lá embaixo, dá uma olhadinha, escuta as histórias, vem aqui e escreve. É a forma dele ajudar, perceberam? O Todo precisa dar uns recadinhos para os encarnados. Então, pode existir um sujeito, um grande médium que, nesta encarnação, está quietinho, não aparece, e virou escritor – aí ele senta e escreve aquelas histórias macabras. “Nossa, que imaginação espetacular tem esse sujeito!” Que nada. É que ele vai lá embaixo - quando dorme, ou mesmo de dia - vai lá embaixo, conversa, com o povo de lá, porque ele é protegido, certo? Então, pode transitar, vai e volta, o povo sabe que ele tem crachá.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Então há uma determinação para não mexer com esse “cara”. Ele não vai interferir em nada. Ele vai lá e informa: “Só sou um pesquisador, um cientista. Que histórias vocês têm interessantes, aí?” O povo diz: “Ah, existe esse sujeito aqui. Olhe a história dele.” Entenderam? Aquela, não é da Idade Média, Inquisição. Nossa! Espetacular, não é? Ele pega todo esse material, senta diante da máquina e escreve, e todo mundo se admira: “Nossa! É extraordinária a imaginação!” É que ele vai lá embaixo conversar com o povo e pegar o material.

Ele está trabalhando para o Todo. Vocês podem pensar assim: “Nossa! O sujeito escreve coisas de terror, de horror. Que absurdo!” E nem imaginam que ele está trabalhando para o Todo. Porque alguém tem que ir lá, documentar a situação, trazer e pôr aqui para ver, para ver se as pessoas param um pouquinho para pensar. Porque, que outro jeito existe? Fazer com que todo mundo enxergue? Nesse caso, acabaria, acabaria vida aqui. Vocês enlouqueceriam, enlouqueceriam.

Já imaginaram se vocês fossem todos videntes, no atual estágio da sociedade humana? Porque o atual estágio da sociedade humana é o intercâmbio total com o povo lá de baixo. Já se imaginaram vendo só monstros? Não veriam ninguém normal, não. Só monstros, porque os lá de baixo são todos involuídos. Já imaginaram? Como dormiriam com trinta desses no seu quarto “batendo papo”, fazendo a maior algazarra? É, é. Essa é a realidade.

Agora, vem àquela velha perguntinha, não é? Quanto de realidade vocês estão dispostos a saber? Lembram-se de que há uns três anos essa pergunta foi feita aqui? Quanto de verdade, vocês estão dispostos a saber. Vocês aguentam saber? Hoje é a mesma coisa. Eu tenho que “dourar”, “dourar” e dosar a “pílula”, certo? Dosar. Eu não posso falar nem 1%. Eu sigo ordens.

Existe uma hierarquia. Portanto, siga uma dessas ordens: “Só dê um ‘rolezinho’ neles, para ver se acordam”.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Mas, se eu vier aqui toda vez e só falar de “plumas e paetês”, quando haverá evolução? Jamais. Continuam dormindo, dormindo, dormindo. E, quando se dorme, vocês já viram, não é? O trem faz a curva a 190 km/hora. Distraí. Imagine sua filha, seu filho, seu marido, sua mulher, no trem, e o nosso amigo distraiu-se. Você recebe os pedacinhos. Nem vão abrir o caixão para você pegar os pedacinhos, pois o outro se distraiu.

E a nossa distração, não causa tanta desgraça quanto o que esse sujeito fez? Causa, causa. É que você não está enxergando, percebe? Não está enxergando, mas, quando passar para o “outro lado”, vão lhe falar: “Passe o filme”, porque aí você verá as consequências. É uma rede, não é? A rede de eventos. Por uma coisinha, uma palavra, uma maledicência, que gerou isso, que gerou isso, que gerou... Aí falaram para o outro, falaram: “nã-nã-nã”, debite.

Portanto, magia negra, qualquer um pode fazer. É livre-arbítrio. Mas não faça isso pensando que não há consequências, que você consegue controlar o conjurado, que você é mais esperto que ele. Ele se faz de tonto, é lógico. O conjurado sabe todos os pontos fracos, aonde ele vai “apertar o botão” para manipular. Para você fazer negócio com ele. E você pensa que a ideia surgiu da sua própria cabeça. “Eu vou fazer um negócio, vou lá contratar um servicinho”. Foi o conjurado que já veio (*falar ao seu ouvido*). Mas, como ele consegue chegar perto de você? Como ele consegue enfiar a ideia na sua cabeça? Porque o seu padrão vibratório está horripilante. Só pensa “porcaria”, não é? Só coisas negativas. Vibração assim (*lá embaixo*).

Você baixou. Abriu o canal; aí, o serviçal do conjurado vai lá e influencia: “Faça ‘isso’, faça ‘isso’, faça ‘isso’. Ah, não seria bom; mande matar o outro. Tome a casa dele. Tome tudo dele.” E assim vai. Você “cai que nem um pato”, literalmente, “na boca” do conjurado; e, aí, uma cordinha no pescoço e um chicote nas costas, para baixo.

Isso não é para aterrorizar, mas é para ter noção da realidade, como a coisa é. Tirar a visão, essa “visão romântica” da vida, de que não existe mais nada após a morte, de que tudo é um “oba-oba”. É tudo festa e está tudo certo, e que, quando acabar, virá o “repouso eterno”.

Se isto fosse entendido – este assunto de que estamos falando hoje – as guerras acabariam na face da Terra, imediatamente. Imediatamente, acabariam. Por quê? Porque a pessoa enxergaria as cavernas, *ad infinitum* – lembram? Não há problema de espaço. É infinito – com todos misturados. Nação A contra nação B, aquele morticínio, aquela carnificina. Morreram, vão todos para baixo, caem lá na caverna, tudo misturado.

Lá embaixo não há essa distinção de país *A*, *B*, *C*, *D*. Não existe isso. Há o que você fez aqui. O que você fez? Ajudou, prejudicou, matou? É simples. É só isso: débito, crédito. Não importa se é doutor, se é *PhD*, se é... Não há nada disso. “Ah, porque o inimigo fez um trato com o outro, se juntou às forças contrárias e nos atacaram, e o território e como falava o outro, lá, “o espaço vital”, entendeu?” Pois é. Agora, está lá embaixo, sem espaço vital. Agora, fica numa jaula. Fica numa jaula, sem espaço vital. Pois é. E para “cair essa ficha”? O quanto isso está entranhado nas pessoas?

Se, amanhã, houvesse uma guerra, aqui, seria a mesma coisa. “Tem que matar o povo do outro país.” Vão lá, pronto. Vão lá e matam todo mundo, e os de lá matam todo mundo daqui. E os feiticeiros daqui iam fazer todos os “trabalhinhos” para matar o povo de lá, e os feiticeiros de lá fariam todo “trabalho” para...

Essas histórias não contam, da Segunda Guerra Mundial. Isso não aparece nos livros de História, não é? Todos os feiticeiros e bruxas deste lado foram chamados a “trabalhar” contra aquele lado e todos os feiticeiros e bruxas daquele lado também foram chamados para “trabalhar” contra o outro lado. Mas vocês só veem, nas histórias, submarinos, navios, as batalhas, tanques, guerra, tiros, canhões. Nossa! Emocionante, não é? E a carnificina lá embaixo. E? Os vampiros, felicíssimos da vida: “Deu tudo certo”. Jogam “esse contra esse”, “esse contra esse”, “esse contra esse”, “pumba!”. Pronto; ocorre aquela carnificina. Todos os vampiros se saciando de sangue, *ad infinitum*, porque morre gente sem parar. “Que beleza!”

E o que acontece com os pacifistas? São os primeiros a serem mortos, perseguidos, caluniados e difamados, de tudo quanto é forma que vocês podem imaginar, porque ousaram falar contra a guerra – vide Gandhi. Pois é. Porém, foi na guerra, matou, “nã-nã-nã”, depois vai para baixo. Chegando lá, encontra o mesmo povo que matou. Todos lá, tudo. Aí, faz o que lá embaixo? Continua a guerra? Também há isso, também acontece. Junta o bando *A* contra o bando *B*, e acontecem aquelas guerras infernais, no inferno.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Vocês pensam que a Segunda Guerra Mundial acabou? Que nada. Está a todo vapor, lá embaixo. A todo vapor. E, aqui em cima, se ajeitando, não é? Porque todo mundo precisa se rearmar e etc., etc. Não dá para recuperar. Além disso, o povo fica um tanto quanto chocado, não é? “Gato escaldado tem medo de água fria”. Então, o povo fica “meio assim”.

É preciso passar uma geração, passar duas, na terceira, exibem muitos filmes de guerra. “Nossa! Heróis, heróis e heróis”. Sabe? O culto do heroísmo, da bravura, matou o outro, estraçalhou, cortou em pedacinhos, o deus Rambo, e assim vai. Em breve, a massa está pronta, o caldo está pronto para fazer de novo. É. Isso só não acontece sem parar – apesar de que, aqui, em três mil anos, houve cinco mil guerras neste planeta – pela benevolência do Todo. Não fosse o Todo “puxar o freio” de *n* maneiras, não sobrava ninguém, de tanta carnificina. Por quê? Porque, hoje, a pessoa está viva e fica horrorizada ao

saber que existe o vampiro, que suga o *Chi*. Só que, quando ela morre, o que acontece? Ela vira vampiro, porque, se a pessoa não evoluiu, não sabe como obter sua alimentação diretamente da Luz. Pois é. Mas tem fome. Tem fome de quê? De feijoada? Não, não há feijoada do “outro lado”; há *Chi*. Há sangue. Há energia vital. Então, é preciso sugar isso de alguém. Assim, esse indivíduo vira vampiro. E vive um tempo de vampiro, depois volta para cá. Olha os vampiros atacando, e assim vai, *ad...*

Portanto, pensem muito bem antes de contratar uma magiazinha negra.

Boa noite.